

POR ONDE ANDAM AS CIÊNCIAS SOCIAIS?

Luciana Bernardo MIOTTO*

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre o papel da ciência e, em particular, das ciências sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência, ciências sociais, positivismo, neutralidade, conhecimento.

Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais.

(Galileu Galilei)

Lewis Carroll era professor de matemática na Universidade de Oxford quando escreveu Alice no país das maravilhas, sua obra mais conhecida:

A resposta do Gato tem sido associada frequentemente à idéia de que os cientistas não sabem para onde o conhecimento está levando a humanidade e,

__ Gato Cheshire... quer fazer o favor de me dizer qual é o caminho que eu devo tomar?

__ Isso depende muito do lugar para onde você quer ir - disse o Gato.

__ Não me interessa muito para onde... - disse Alice.

__ Não tem importância então o caminho que você tomar - disse o Gato.

__ ... contanto que eu chegue a algum lugar - acrescentou Alice como uma explicação.

__ Ah, disso pode ter certeza - disse o Gato - desde que caminhe bastante.

* Doutoranda do Prog. de Pós-Graduação em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP. Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Angela D'Incao.

além disso, não se importam muito. A necessidade de conhecimento das consequências, no ato de tomar decisões, está implícita na observação do Gato de que Alice chegaria certamente a algum lugar se caminhasse o bastante. Desde que esse algum lugar poderia revelar-se bem indesejável, é melhor fazer escolhas conscientes do lugar para onde se quer ir¹.

Por ocasião da entrega do prêmio Thibaud², no ano de 1970, o físico francês Jean Marc Lévy-Leblond³ tentou desmistificar o papel desempenhado pela ciência e pela pesquisa científica na sociedade. Diante do fazer ciência, há alguns questionamentos necessários: a quem serve definitivamente a atividade científica? Qual é o papel da ciência em nossa sociedade?

As respostas a estas perguntas não poderiam ser mais claras. A ciência é colocada como a responsável pelo progresso da sociedade e o cientista, por sua vez, é o agente transformador. Entretanto, tais afirmações são questionáveis. Em primeiro lugar, o autor coloca em questão o seu próprio trabalho. Trata-se de um cientista que ilustra muito bem o exemplo da pesquisa pura, dedicando-se a projetos que não tenham outro interesse senão o de provocar a curiosidade de uns poucos especialistas em todo o mundo. Tal pesquisa possui um caráter esotérico, compreensível a poucos iniciados.

Por outro lado, áreas de pesquisa com grandes possibilidades de aplicação, tais como a medicina e a biotecnologia, podem contribuir para tentar solucionar problemas da fome ou de doenças. Contudo, a natureza das estruturas sociais impede que estas soluções técnicas possam ser postas em prática. De acordo com Lévy-Leblond, se os progressos da técnica provocam em geral um aumento da produtividade industrial, não se conhecem casos em que isto tenha tido, como consequência direta, a melhoria das condições de vida das massas populares.

É como se a ciência acabasse se convertendo em seu próprio objetivo. Não se trata de afirmar, segundo o autor, que a ciência e a pesquisa não servem para nada; somente não servem em absoluto àquilo e àqueles a quem pretendem servir. Para ele, a atividade científica, como qualquer outra, não é separável do conjunto do sistema social em que se pratica. (...) A ciência é invocada para cobrir com uma máscara de objetividade e tecnicismo a dominação de classes.

De acordo com Lévy-Leblond, o cientista, consciente ou não das forças

¹ DUBOS, R. O despertar da razão. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1972, p. 165.

² Prêmio concedido pela Academia de Lyon a jovens físicos que se destacam.

³ LÉVY-LEBLOND, J. M. Sobre a neutralidade científica. In *Les Temps Modernes*, nº 288, jul./1970.

a serviço das quais trabalha, é cúmplice. Pois, seja pelo progresso técnico ou pela melhoria das condições de vida humana, o que inspira os cientistas é a corrida ao poder. O cientista, quanto mais inconsciente do papel que lhe é atribuído, melhor o interpreta e daí o interesse de um sistema de prêmios, em dinheiro efetivo, em prestígio individual ou em poder.

Diferentemente de Alice, o cientista conhece muito bem o caminho que deseja trilhar, porque é bastante consciente do papel que representa. Segundo Bourdieu (1983a), o universo da ciência é um campo social como qualquer outro, com suas lutas e relações de força. O que está em jogo é o monopólio da competência científica. Quem é a autoridade em determinado assunto? Quem serve de modelo de comparação para outros cientistas, que por sua vez também disputam essa autoridade?

É por isso que o cientista conhece o seu papel, pois as práticas científicas não são desinteressadas. Nesta arena de luta, todos anseiam possuir autoridade científica. Ao descobrir que seu trabalho não é exclusivo, um cientista fica completamente transtornado. O que ele deseja? Obviamente que seu trabalho seja um sucesso e, de acordo com Bourdieu (1983a), isso significa que ele deve ser reconhecido pelos seus concorrentes.

O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros; portanto, aquilo que tem possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros.⁴

A luta, dentro do campo científico, é desigual. Cada um dos sujeitos é dotado daquilo que Bourdieu chama de capital científico, desigualmente distribuído. Estabelece-se, assim, uma disputa entre aqueles que ocupam as mais altas esferas da hierarquia científica, e aqueles que desejam alcançá-las.

No campo científico, estabelecida a luta, dominam aqueles que conseguem impor uma definição de ciência a que todos devem seguir. Foi o que aconteceu com o método das ciências da natureza sobre as ciências humanas. O resultado foi que o pesquisador em ciências humanas buscou a legitimidade de seus propósitos nos métodos aplicados às ciências da natureza.

⁴ Ver BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.), Coleção Grandes Cientistas Sociais, v.39, São Paulo: Ática, 1983, p.125.

Como ousar fugir de tal modelo? Segundo Bourdieu (1983a), quem domina o campo científico utiliza estratégias para perpetuar a ordem da qual faz parte. Estas estratégias incluem publicações em revistas científicas e maiores responsabilidades administrativas. É claro que diante de tal posição, não interessa a estes cientistas contradizer ou revolucionar a ordem científica estabelecida.

Aos novatos abrem-se, então, dois caminhos: ou utilizar estratégias que mantenham o sistema no qual estão inseridos, ou provocar uma subversão das estruturas vigentes. Este segundo percurso, quase sempre inovador quanto mais independente da ordem social estabelecida.

Tudo leva a crer que a propensão às estratégias de conservação ou às estratégias de subversão é tanto mais dependente das disposições em relação à ordem estabelecida quanto maior for a dependência da ordem científica com relação à ordem social dentro da qual ela está inserida.⁵

Onde estaria a idéia verdadeira de ciência? Quais seriam as condições sociais para que a verdadeira ciência predominasse sobre os interesses individuais dos pesquisadores? Para Bourdieu (1983a), a passagem dos interesses individuais para a verdadeira ciência ocorre quando o conhecimento produzido é de interesse geral. O verdadeiro conhecimento está desvinculado de interesses específicos⁶.

Ao questionar de perto as ciências sociais, Bourdieu afirma que enquanto elas legitimarem a ordem de dominação estabelecida, representarão uma falsa ciência. Porque não é possível haver neutralidade. Ao desvendar os mecanismos sociais que asseguram a manutenção da ordem estabelecida, as ciências sociais tomam partido na luta política. Quais seriam, então, as condições para o desenvolvimento de uma ciência livre das pressões sociais? No caso das ciências sociais, a racionalidade científica está distante da neutralidade política. Ao desmistificar a realidade, o cientista social, automaticamente, está subvertendo as estruturas vigentes. Por isso as ciências sociais sempre tiveram dificuldade em se pensarem como ciência.

Na busca de verdades, as ciências sociais tentaram, desde o início,

⁵ Ver BOURDIEU, P. *op.cit.*, p. 139.

⁶ Ver HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1975.

desenvolver um conhecimento sistemático da realidade, que pudesse ser empiricamente validado. Herdeiras da visão clássica de ciência que construiu o mundo sob as engrenagens da máquina newtoniana, as ciências sociais buscavam leis naturais e universais que explicassem o funcionamento da sociedade. Epistemologicamente, a sociedade poderia ser assimilada pela natureza e estudada pelos mesmos métodos utilizados nas ciências naturais.

As ciências sociais esconderam-se na metodologia das ciências naturais de forma a sustentar sua neutralidade, pois as paixões e os interesses não poderiam perturbar o cientista interessado na busca de verdades. Esta ciência neutra, livre de paixões, deveria ser positiva⁷. Mas de onde vêm a autoridade científica das ciências da natureza?

Entre os séculos XVII e XVIII, as ciências da natureza, especificamente a Física, estabeleceram-se como o princípio ordenador de toda a máquina celeste. A Terra era um mecanismo complexo a ser explorado e compreendido através da experimentação. Até então, não havia diferença entre *ciência e filosofia*, mas à medida que o *empirismo* ganhava importância, as *verdades* da filosofia não podiam ser postas à prova e, diante disso, somente a *ciência*⁸ daria as respostas que precisávamos. O conhecimento *legítimo* passou a ser validado através da experimentação. A ciência adquirira direitos exclusivos sobre a natureza. E quem haveria de controlar o conhecimento do mundo humano?⁹

As inúmeras transformações políticas, sociais e econômicas do século XVIII impunham uma série de questões que era preciso explicar. O surgimento do Estado moderno, por exemplo, estabeleceu a necessidade de um conhecimento mais exato sobre a sociedade, sobre o qual o Estado pudesse basear suas decisões. Acontecimentos históricos como a Revolução Francesa (1789) careciam de uma explicação racional e sistemática das mudanças sociais. Enfim, era preciso organizar a nova ordem social sobre uma base *exata, racional, sistemática e positiva*.

⁷ Conforme Löwy (1987), Saint Simon é o primeiro a empregar o termo positiva ao referir-se a uma ciência do homem. Para Saint Simon não existiria fenômeno que não pudesse ser observado do ponto de vista da física. Entretanto, considera-se Augusto Comte como o fundador do Positivismo. Comte também defendia que a ciência da sociedade pertencia ao sistema das ciências naturais, mas ao contrário de Saint Simon e dos Enciclopedistas, Comte tende à defesa da ordem estabelecida.

⁸ O termo ciência passou a designar as ciências da natureza.

⁹ Ver COMISSÃO CALOUSTE & GULBENKIAN. Para abrir as ciências sociais. Relatório da Comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das ciências sociais. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

A primeira regra e a mais fundamental é a de considerar os fatos sociais como coisas (...), pois não há senão coisas na natureza ¹⁰.

No início do século XIX, Augusto Comte procurou estabelecer regras para a análise da esfera social. Só poderia haver uma *física social* e uma *ciência positiva* da sociedade, e que implicitamente legitimassem a ordem e o progresso defendidos pela burguesia industrial. Neste sentido, Durkheim e sua compreensão dos fatos sociais vêm brilhantemente construir a idéia de que os fenômenos físicos e sociais são fatos como os outros, submetidos a leis que a vontade humana não pode alterar. Um exemplo disso está na explicação sobre a desigualdade social, onde, segundo Durkheim, a sociedade é um corpo, formado por diferentes órgãos, cada um desempenhando a sua função.

Para Löwy (1987), o conservadorismo de Durkheim está presente na sua própria concepção do método, um método positivista que permite legitimar a todo momento, através de argumentos científico-naturais, a ordem estabelecida. É apaixonante observar como as ciências sociais se revestem de uma aura de cientificidade, tentando convencer-nos de sua neutralidade ao *ignorar* os conflitos ideológicos e as contradições sociais. Afastar tudo aquilo que Durkheim chamou de *prenções*, insistindo na incompatibilidade entre conhecimento científico e subversão da ordem.

Como o cientista social pode se colocar no lugar de um químico ou de um físico, se o objeto de seu estudo, o conhecimento da sociedade, é também objeto de um combate político acirrado, onde se enfrentam diferentes visões de mundo e interesses sociais radicalmente opostos? (LÖWY, 1987)

Durkheim é sujeito de sua própria crítica às *prenções*, e segundo Löwy, sua pretensão à neutralidade é, às vezes, uma ilusão, assim como o positivismo de Augusto Comte. Weber, por outro lado, considera as *prenções*, ou visões de mundo, conforme Löwy, como inevitáveis e, além de tudo, a própria condição de toda atividade científica.

(...) somente com relação a valores específicos, particulares de uma época, uma nação ou uma fé religiosa, que se pode selecionar, no caos infinito dos

¹⁰. DURKHEIM, É. As regras do método sociológico. São Paulo: CEN, 9ª ed., 1978.

¹¹. LÖWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o barão de Munchhausen. São Paulo: Ed. Busca Vida, 1987, p.34.

fenômenos sociais, o que nos parece importante, digno de interesse, significativo¹¹

Para Weber (1999), não existe qualquer análise científica puramente objetiva dos fenômenos sociais. É através de determinadas perspectivas que tais fenômenos podem ser selecionados, analisados e organizados enquanto objeto de pesquisa.

O cientista social está diante da sociedade e deseja estudá-la. Seleciona um fragmento dentro do universo social. Como ele faz esta escolha? Para o positivismo, o critério estaria na repetição regular, conforme leis, de determinadas relações ou fatos. Tão logo se tenha encontrado tal regularidade, admite-se que todos os casos semelhantes fiquem subordinados à fórmula encontrada. Assim, ao utilizar novamente o método das ciências da natureza, as ciências sociais tentam legitimar sua postura estabelecendo leis universais para os fatos sociais. Tudo que não entra nessa regularidade passa a ser considerado cientificamente secundário.

Como reduzir o social ao quantitativo? A sociedade seria formada por um amontoado de fatos sociais, regulares e determinados? Para Weber, no campo das ciências sociais o que interessa é o aspecto *qualitativo*. Somente a partir de leis, estabelecidas de acordo com a repetição regular de determinados fatos, não poderíamos deduzir a realidade da vida. O estabelecimento destas leis poderia apenas representar uma das várias etapas do processo científico.

A premissa de qualquer ciência social (que Weber chama de *ciência da cultura*) é o fato de que somos homens de cultura, possuidores de uma posição consciente face ao mundo. Não somos *desinteressados*, porque estabelecemos relações de valor com elementos da realidade, já que conferimos a eles uma significação cultural. Todo conhecimento da realidade está subordinado a pontos de vista particulares, a *visões de mundo* (utilizando o termo de Löwy). O fragmento da realidade a ser estudado pelo cientista social é apenas aquele cujo exame lhe interessa, em determinada época ou lugar.

Segundo a crítica de Löwy, Weber também se enreda nas teias do positivismo. A escolha do objeto de pesquisa, do *fragmento* da realidade social, daquilo que interessa ao cientista social, é subjetiva, definida a partir de um ponto de vista valorativo. Contudo, o método de investigação científica deve ser submetido a regras objetivas e universais, a um conhecimento de validade absoluta.

Porque só é uma verdade científica aquilo que pretende ser válido para todos os que querem a verdade¹².

Desta forma, os pressupostos das ciências sociais (ciências da cultura, segundo Weber) são subjetivos, mas os resultados da pesquisa científica devem ser válidos para todos. É o *autocontrole científico* do pesquisador que o impedirá de realizar *juízos de valor* no decorrer da investigação. Neste sentido, o resultado esperado já não seria largamente predeterminado pela própria formulação da questão? (LÖWY, 1987)

Na verdade, não buscamos todos a validade de nossos pressupostos? Ao escolhermos determinado objeto de pesquisa, não estaríamos querendo comprovar nossas hipóteses de acordo com as regras estabelecidas pelo campo científico do qual nos fala Bourdieu? Não aspiramos também ao reconhecimento de nossos pares-concorrentes, a títulos, cargos administrativos, enfim, à *autoridade científica*?

É certo que não estamos perdidos como Alice. Somos conscientes do caminho que trilhamos, dos interesses envolvidos no objeto de pesquisa escolhido, dos pressupostos que envolvem as nossas escolhas, a partir de nossa *visão de mundo*. É provável que a própria ciência, construída a partir do século XVII, tenha recebido, como Alice, a mesma resposta: desde que caminhasse bastante, ela certamente chegaria a *algum lugar*. E tal lugar, no imaginário da época, não parecia indesejável. Afinal, seria quase impossível não resistir à sedução do progresso e do conjunto infinito de possibilidades que se abria ao homem, pela mão da *ciência*. Nunca ele havia vislumbrado tamanho poder e força sobre a natureza e sobre si mesmo.

As ciências humanas também foram seduzidas pelo discurso de *cientificidade* e poder das ciências da natureza. Está aí o positivismo, prova mais evidente. Até hoje, nas entrelinhas de seus trabalhos, por mais subversivos que sejam contra a ordem estabelecida, o cientista social busca a validade do método, a comprovação de suas hipóteses, a construção privilegiada do objeto de pesquisa, o rigor no tratamento dos dados e, em muitos casos, a quantificação em detrimento do *qualitativo*.

Quanto a este aspecto, o grande desenvolvimento das técnicas estatísticas, principalmente no final dos anos 40, deixou em segundo plano os relatos orais e as histórias de vida. O *quantitativo* apresentava-se como a maneira mais *adequada* de se obter dados inquestionavelmente objetivos, enquanto o relato oral se apresentava *cheio de subjetividade*.

12. WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In COHN, Gabriel (org.), Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática, 1999, p.100.

Para Queiroz (1987), o relato oral tem uma particularidade: registrar o que ainda não se cristalizou em documentação escrita, o *indizível*. O objetivo do cientista social é compreender a sociedade da qual o entrevistado faz parte, *buscar a coletividade a partir do indivíduo*¹³. A história de vida pode representar o primeiro momento de um processo de investigação, a ferramenta destinada a esclarecer os dados da pesquisa. Embora, nas últimas décadas, tenha havido uma revalorização dos métodos qualitativos, a oposição quantitativo/qualitativo não deve representar modos opostos de ver a realidade.

Voltando ao questionamento sobre as ciências sociais, Bourdieu (1983b), afirma que uma das maneiras de nos livrarmos de *verdades* perturbadoras é dizer que elas não são *científicas*. As ciências sociais, especificamente a Sociologia, são perturbadoras porque revelam coisas ocultas; *verdades* que os tecnocratas não gostam de ouvir. A Sociologia cria *problemas*, ela *desencanta*. Talvez esteja aí a necessidade da Sociologia colocar-se como seu próprio objeto de questionamento enquanto ciência.

Eu também me pergunto, às vezes, se não seria impossível viver num universo social completamente transparente e desencantado que uma ciência social plenamente desenvolvida (e amplamente difundida, se isso for possível) produziria. Apesar de tudo, acredito que as relações sociais seriam muito menos infelizes se as pessoas pelo menos dominassem os mecanismos que fazem com que contribuam para sua própria miséria¹⁴.

Enfim, a *ciência*, tanto aquela que se ocupa da natureza, quanto aquela que se preocupa com o humano (se é que homem e natureza estão mesmo hierarquicamente separados, uma discussão que no momento não caberia aqui), conhece os caminhos que trilha, ao contrário de Alice. Pode equivocar-se quanto às conseqüências de seus atos (ou princípios), mas ilude-se ao considerar-se *neutra*. Dentro deste universo, as ciências sociais representarão uma *falsa ciência* se legitimarem a ordem estabelecida. Seu papel é transgredir, porque no questionamento incessante de seu método e do objeto a que se propõem investigar e *compreender*, as ciências sociais tornam vívida e transparente a *miséria do mundo*.

¹³ Ver QUEIROZ, M. I. P. op.cit., p. 277.

¹⁴ BOURDIEU, P. Uma ciência que perturba. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 27.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. Compreender. In: A miséria do mundo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). Coleção Grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1983a.
- BOURDIEU, P. Uma ciência que perturba. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- CARDOSO, R. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: Aventura Antropológica - teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- COMISSÃO CALOUSTE GULBENKIAN. Para abrir as ciências sociais. Relatório da Comissão Gulbenkian sobre a reestruturação das ciências sociais. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.
- DUARTE NUNES, E. A questão da interdisciplinaridade no estudo da saúde coletiva e o papel das ciências sociais. In: CANESQUI, A.M. (org.). Dilemas e desafios das ciências sociais na saúde coletiva.. Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1995.
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. São Paulo: CEN, 9ª Ed., 1978.
- HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. In: Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- LÉVY-LEBLOND, J. M. Sobre a neutralidade científica. In: Les Temps Modernes, nº 288, jul./1970.
- LÖWY, M. As aventuras de Karl Marx contra o barão de Munchhausen. São Paulo: Ed. Busca Vida, 1987.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Ciência e Cultura, vol. 39, nº 3, mar./1987, p.272-286.
- SANTOS, B. de S. Tudo que é sólido se desfaz no ar: o marxismo também? In: Pela mão de Alice, o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.
- WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, G. (org.) Coleção Grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1999.